

A REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO FEMININO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA

Fernanda de Cássia BRIGOLLA¹
Aparecida de Jesus FERREIRA²

RESUMO: O livro didático é o material de utilização predominante na maioria das salas de aula de ensino regular. Muitas das vezes o tratamento dado a esse material despreza possibilidades de discutir o papel que desempenha na vida social dos alunos, pois o foco são questões relativas à gramática. Por isso, considerando que as imagens não só têm o ofício de ilustrar o livro e auxiliar nas atividades, mas também de retratar a sociedade tal como ela é em determinado tempo histórico, esse artigo faz uma análise das imagens tendo como suporte a teoria feminista e seus estudiosos (LOURO, 2003; AUAD, 2003, 2006) no seguinte livro didático: Rocha, Analuiza Machado. *Take your time / Analuiza Machado Rocha, Zuleica Águeda Ferrari*. – 3. Ed. Reform. – São Paulo: Moderna, 2004; obra em quatro volumes para alunos de 5^a a 8^a séries. A justificativa para tal escolha se baseia na possibilidade de discussões entre professores e alunos, bem como a inserção de todos, discutindo o papel da mulher na sociedade atualmente, a luta pelo direito ao voto e o direito a exercer diferentes funções no mercado de trabalho. Mulheres que antes eram apenas donas de casa, com obrigações voltadas para a família, hoje assumem também o papel de chefe da família, contribuem na qualificação da educação dos filhos, possuem casa e carro próprios etc. Com essas discussões, então, é possível criar novos modos de olhar as representações iconográficas femininas e refletir acerca dos discursos (explícitos ou implícitos) que são diariamente propagados por materiais didáticos para crianças e jovens. A metodologia de análise do livro didático será análise documental, pois se considera o livro como um documento e utilizamos a análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2005; WODAK, 2004; VAN DIJK, 1993).
PALAVRAS-CHAVE: livro didático; gênero feminino; análise crítica do discurso.

ABSTRACT: *The textbook is the predominant material used in most classrooms in regular schools. Often the treatment of this material despises opportunities to discuss the role it plays in social life of students, because the focus is grammar issues. Therefore, considering that the images not only have the job to illustrate the book and assist in the activities, but also to depict society as it is in a particular historical time, this article analyzes the images based on the feminist theory and its scholars (LAUREL, 2003; Auad, 2003, 2006) in the following textbook: Rock, Analuiza Machado. *Take your time / Analuiza Rocha Machado, Zuleica Águeda Ferrari*. - 3. Reform Ed. - New York: Modern, 2004; four-volume work for students from 5th to 8th grades. The justification for this choice concentrates on the possibility of discussions among teachers and students, as well as the inclusion of everybody, discussing the role of women in society today, the struggle for voting rights and the right to perform different functions in the job market. Women who were previously only*

¹ Graduanda em Letras (Bolsista Proex/Araucária/UEPG). E-mail: fernandabrigolla@hotmail.com.

² Doutora em Educação e Linguística Aplicada. Professora do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas e professora do programa de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Identidades Sociais e Linguagem na UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa e Professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Letras na Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: aparecidadejesusferreira@gmail.com.

housewives, with bonds directed to the family, now take on the role of head of household, contribute to a quality education for their children, have their own house and car etc. With these discussions you can create new ways of looking at women's iconographic representations and reflect on the discourses (explicit or implicit) that are daily propagated by educational materials for children and youth. The methodology used is a document analysis, because it considers the book as a document and it uses the critical discourse analysis (Fairclough, 2005; Wodak, 2004; Van Dijk, 1993).

KEYWORDS: *textbook; female genre; critical discourse analysis.*

1- Introdução

Partindo do pressuposto de que o livro didático é o material mais utilizado pelos professores, agindo, também, como um recurso ao aluno no acompanhamento das aulas, este trabalho tem por finalidade discutir como a autonomia do professor reflete no espaço para discussões de determinados temas. Afinal, o livro didático possui os textos e atividades previamente escolhidos, os quais, em geral, não possibilitam atingir a realidade dos alunos. Portanto, o resultado desse trabalho “pronto para uso” somado à falta de preparação dos professores, certamente, prejudica o papel que o docente desempenha: instigar os alunos.

Limitar-se a esse material é, na maioria das vezes, impedir a compreensão da turma de alunos que é permeada por diferentes visões de mundo, isto é, de um grupo heterogêneo. Então, cabe ao professor adotar métodos inovadores que olhem para a realidade desses alunos atingindo seu objetivo. Por isso, o professor deve estar ciente de que a discussão sobre determinados assuntos são fundamentais na desconstrução de conceitos construídos na própria sala de aula. A omissão de um assunto que leve ao envolvimento dos sujeitos oprimidos não necessariamente os isentará de qualquer discriminação dentro ou fora da sala. Esses sujeitos conferem tanto aos alunos, familiares, quanto aos próprios funcionários da instituição.

Temas que podem estar relacionados a questões de gênero, raça e etnia circulam na sala de aula e independe da classe social dos alunos e professores. Em razão disso e das múltiplas possibilidades de tópicos a serem discutidos, ter-se-á como foco principal a problemática da opressão feminina e como a mulher é representada nas imagens dos livros didáticos. Afinal, o livro didático, por meio das imagens e discursos, em princípio, retrata a sociedade num dado momento histórico, então, considerando que a mulher atual vem ocupando o seu espaço cada vez mais, ou seja, mudando de ocupação profissional, esse estudo deseja fazer tal constatação.

Para tanto, será utilizado o seguinte embasamento teórico: PNLD, 2011; FAIRLOUGH, 2005; BRAHIM, 2007; SILVA, 2000; AUAD, 2003, 2006; LOURO, 2003.

2- Metodologia

Primeiramente, discuto a respeito da análise do discurso crítico; comento sobre o papel do livro didático na sala de aula e seu manuseio pelo professor; aponto questões

referentes ao gênero feminino e sua representação no livro didático; e, por conseguinte, exponho as análises embasadas nessas reflexões.

A metodologia de análise do livro didático será análise documental, pois se considera o livro como um documento LÜDKE (1986) e utiliza-se a análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2005; PENNYCOOK, 2010; VAN DIJK, 1993; WODAK, 2004;).

Conforme Van Dijk (1993, p.250) “*the critical discourse analysts want to know what structures, strategies or other properties of text, talk, verbal interaction or communicative events play a role in these modes of reproduction*” (os analistas críticos do discurso querem saber que tipo de estruturas, estratégias ou outras propriedades do texto, conversa, interação verbal ou eventos comunicativos desempenham um papel nesses modos de reprodução³). Nessa perspectiva, intenta-se verificar que tipo de discurso é empregado nas imagens do livro didático e de que modo esse discurso se apresenta. Afinal, com enfoque nas imagens em que a o gênero feminino aparece, a opressão feminina é um tema social recorrente, por isso “*we must start to take up moral and political projects to change those circumstances. (...) (nós devemos começar a assumir projetos morais e políticos para mudar essas circunstâncias*⁴)” (Pennycook, 1990, p. 25 apud Pennycook, 2010, p.16.2).

A pesquisa depara-se com o que Lüdke afirma ser (1986, p.27) “uma série de decisões quanto ao seu grau de participação no trabalhar quanto à explicitação do seu papel e dos propósitos da pesquisa junto aos sujeitos e quanto à forma da sua inserção na realidade”. Contudo, apoiada nas leituras que tratam da mesma problemática, a observação das imagens no livro didático é o método mais adequado para verificar se a representação do gênero estudado está em consonância com a realidade atual. Com isso, no espaço escolar, a pesquisa assume o papel de investigar imagens que aludem à opressão feminina, propondo questionamentos que conduzam o olhar do professor a partir do momento que ele se dispõe a usá-las.

3- O livro didático

O professor é o mediador na sala de aula, é ele quem vai controlar o que deve e o que não deve acontecer nesse espaço. Muitas vezes com o objetivo de conseguir cumprir com o cronograma anual, o professor deixa passar despercebidos temas relevantes, os quais podem auxiliar na compreensão das dificuldades de seus alunos. Esses temas geralmente são levantados por meio do livro didático.

Apoiada na seguinte premissa de que “com grande frequência os livros didáticos são vistos – ou pelo menos indiretamente tratados - como o material didático por excelência, tanto na área de Linguística Aplicada quanto na Educação como um todo” (VILAÇA, 2009, p.05), é possível afirmar que dispensar as opiniões dos alunos pode prejudicar a formação de cidadãos críticos. Além disso, conforme Tílio (2010, p.49) “as escolhas dos contextos culturais apresentados pelos livros e as atividades propostas pelos

³ - tradução minha.

⁴ - tradução minha.

autores podem permitir, ou não, que determinadas identidades sejam construídas, ou, pelo menos, manifestadas, em um determinado momento”.

Conforme o PNLD (2011, p.13):

o que dá a um livro didático o seu caráter e qualidade didático-pedagógicos é, mais que uma forma própria de organização interna, o uso adequado à situação particular de cada escola; e os bons resultados também dependem diretamente desse uso. Podemos exigir – e obter – bastante de um livro, desde que conheçamos bem nossas necessidades e sejamos capazes de entender os limites do LD e ir além deles.

Entende-se que o professor poderá fazer do livro didático um instrumento a mais para ir além de regras gramaticais e atividades para o mesmo fim. Há diversas maneiras de se inserir questões que remetam a própria visão de mundo dos alunos. Uma delas está na concepção equivocada, porém cristalizada, de que existem atividades voltadas apenas para o homem e outras apenas para a mulher. Esse indagar pode surgir de uma imagem, recurso empregado no livro didático servindo, geralmente, apenas como condutor nos exercícios e se o principal instrumento de estudo na sala de aula é o livro didático, as imagens são um dos veículos do discurso da sociedade, os quais “influenciam a construção identitária do aluno, reproduzem ideologias, participando de modo importante da formação de atitudes e valores.” (OLIVEIRA, 2008, p.99).

O formador de sujeitos críticos, isto é, o professor, precisa se aproximar dos discursos de diferentes identidades que o rodeia, pois conforme Hall (1997) citado por Woodward (2000, p.17) “ao examinar os sistemas de representação” (os quais se dão por meio simbólico, social e linguístico) “é necessário analisar a relação entre cultura e significado”. Compreendendo os significados nesses sistemas, Woodward afirma que teremos ideia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós podemos ser posicionados em seu interior. Por essa razão, dar voz ao aluno é mais do que isso, é deixar que se estabeleça uma relação de cumplicidade entre o professor ao aluno.

As discussões que esse trabalho cita se referem à análise a qual se propõe a fazer tendo como objeto as imagens em que são representadas as mulheres. Essas imagens são entendidas como um modo pelo qual se pode difundir e se refletir a cultura de um determinado povo, num determinado lugar e tempo, contrastando ou aproximando com a qual adotamos atualmente. Como esse trabalho tem por alvo o gênero feminino, a reflexão terá como critério entender quais são os papéis desempenhados por homens e mulheres nas imagens e observar se há, a respeito dos estereótipos, desconstrução ou fortalecimento.

4- O que é gênero?

Mas, afinal, o que é gênero? Para se discutir na sala de aula, o(a) professor(a) precisa de argumentos, pois os discursos que se impõem atualmente se alojam nas pessoas de tal modo que reconhecer o preconceito parece tarefa difícil. Então, a partir do momento em que o(a) professor(a) se dispõe a desconstruí-los, ele deve estar ciente de que

Gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino), mas corresponde ao conjunto de representações que cada sociedade constrói,

através de sua História, para atribuir significados, símbolos e características para cada um dos sexos. Assim, as diferenças biológicas entre homens e mulheres são interpretadas segundo as construções de gênero de cada sociedade. No momento em que uma criança do sexo masculino nasce e ouvimos dizer “É menino!”, assistimos à primeira interpretação de uma série, que, de diferentes formas, moldará suas experiências, vivências, enfim, o modo como dar-se-á sua inserção e participação no meio social. Ser homem ou mulher e pertencer ao gênero masculino ou feminino envolve, em nossa sociedade, criar uma identidade em oposição ao do sexo que não é o seu (o sexo “oposto”), distanciando-se dele e negando-o. (AUAD, 2006, online)

Além disso, a escola aqui não se limita ao espaço físico, mas segue muito além, pois é entendida como o conjunto de influências, sobretudo se for mista e busca uma educação para a democracia. Esse conjunto é composto pela relação dos alunos com os funcionários; com o acervo de livros na biblioteca e sua leitura, com o professor e com os próprios colegas. Desse modo, “a co-educação, assim como a educação para a democracia, só existirá com uma educação adequada e sistematicamente voltada para a sua existência e manutenção. Figura, nesse aspecto, o enorme valor das práticas pedagógicas (educadoras) para levar a bom termo tal ideal. As professoras, os alunos e as alunas são os sujeitos das práticas pedagógicas” (AUAD, 2002-2003, p.138). Assim, conforme Louro (2003, p.85) “se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe (...) certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades”. Desigualdades que são fruto de convenções sociais e manifestam-se nas imagens.

5- As imagens

a) Jobs: memorização dos nomes das profissões



Rocha, Analuiza Machado. *Take your time* / Analuiza Machado Rocha, Zuleica Águeda Ferrari. – 3. Ed. Reform. – São Paulo: Moderna, 2004; obra em quatro volumes para alunos de 5ª a 8ª séries. Vol.1, p.48.



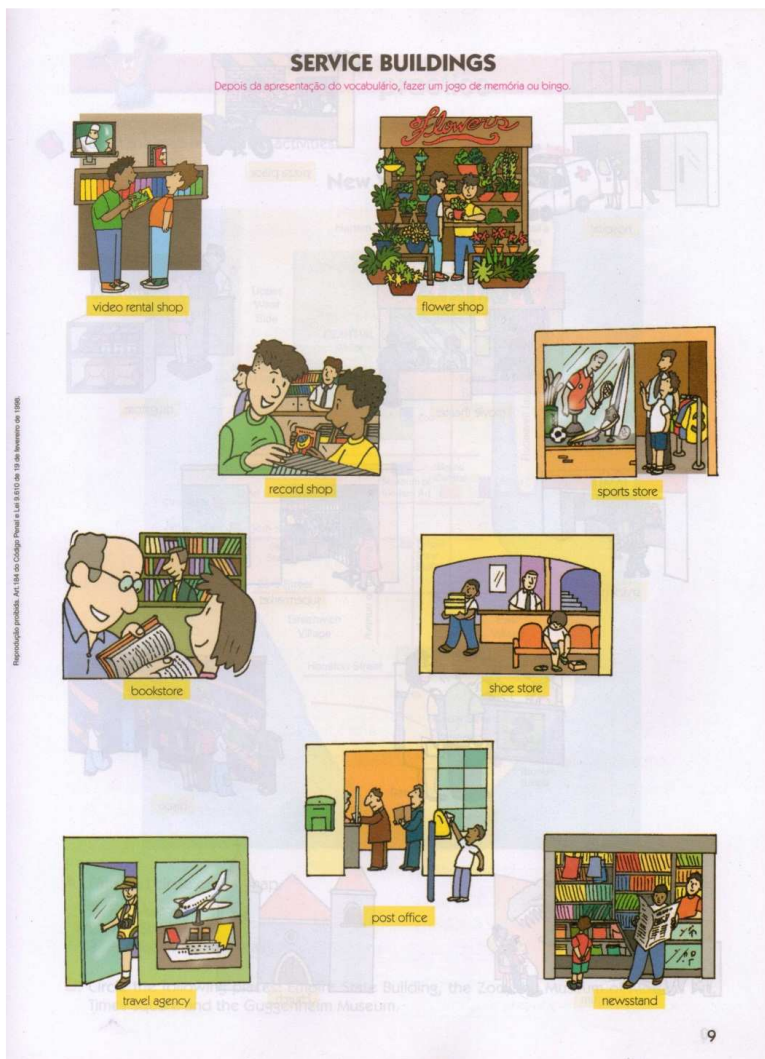
Rocha, Analuiza Machado. *Take your time* / Analuiza Machado Rocha, Zuleica Águeda Ferrari. – 3. Ed. Reform. – São Paulo: Moderna, 2004; obra em quatro volumes para alunos de 5ª a 8ª séries. Vol.1, p.49.

De acordo com o trabalho de Pires (2004) citado por Ribeiro (2010),

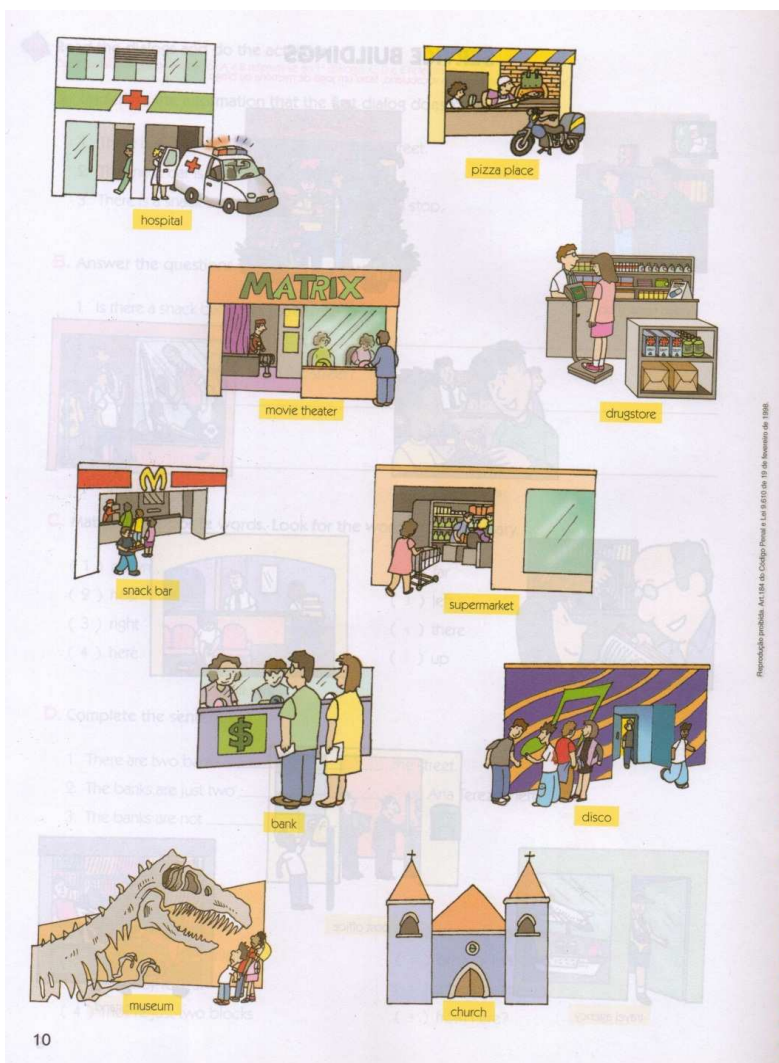
São as práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade, que constroem o masculino e o feminino, sendo, ademais, as ilustrações “persuasivas e simbólicas” e portadoras de “características masculinas e femininas que, de certa forma, parecem imutáveis ou intransponíveis, produzindo a impressão de que existe uma única forma de ser mulher e de ser homem”. (RIBEIRO, 2010, p.104, 105)

É possível perceber que as práticas sociais refletem, invariavelmente, nessas imagens, pois além do grande número de homens, nenhum deles se apresentou como dançarino de ballet, bem como nenhuma mulher é apresentada jogando futebol, por exemplo. Ainda assim, as nove mulheres ocupam profissões como engenheira e médica.

b) Service Buildings: memorização dos nomes dos prédios de serviço



Rocha, Analuiza Machado. *Take your time* / Analuiza Machado Rocha, Zuleica Águeda Ferrari. – 3. Ed. Reform. – São Paulo: Moderna, 2004; obra em quatro volumes para alunos de 5ª a 8ª séries. Vol.2, p.09.



Rocha, Analuiza Machado. *Take your time* / Analuiza Machado Rocha, Zuleica Águeda Ferrari. – 3. Ed. Reform. – São Paulo: Moderna, 2004; obra em quatro volumes para alunos de 5ª a 8ª séries. Vol.2, p.10.

Segundo Arruda, os teóricos “revelam o quanto o pensamento dito ingênuo veicula significado e merece atenção” (2002, p.139), pois até hoje há quem desconsidere a capacidade das mulheres. Afinal, essa seção é predominantemente composta por pessoas do sexo masculino. Dos cinquenta e oito personagens, apenas treze são do sexo feminino. Há um personagem que não é possível fazer uma análise criteriosa, ainda assim, a porcentagem de homens é maior do que das mulheres. Estas, além de serem em minoria, possuem função secundária: enfermeira, vendedora de ingressos para o cinema e caixa do banco, e pessoas comuns. Os homens, por sua vez, possuem papéis diversos: em quatro ilustrações, eles aparecem fazendo atividades, como ler ou esporte; fato que não se aplica a nenhuma personagem mulher nestas imagens. Os homens ocupam também os ofícios de vendedor, médico, ou ilustração em vitrine ou livro e pessoas comuns, figurantes.

c) **Places:** atividades voltadas para memorizar nomes dos cômodos da casa.

F. Look at the pictures and answer the questions.



Leo and Ben



Karen



Mr and Mrs Pitt



Andrew

1. Were Leo and Ben in the living room this morning?

No, they weren't.

2. Was Karen in her room this afternoon?

Yes, she was.

3. Were Mr and Mrs Pitt in the kitchen this morning?

Yes, they were.

4. Was Andrew at school this afternoon?

No, he wasn't.

G. Ask three classmates where they were on Sunday morning.

G. Usar a estrutura Where were you on Sunday morning?.

NAMES	PLACE

58

Rocha, Analuza Machado. *Take your time* / Analuza Machado Rocha, Zuleica Águeda Ferrari. – 3. Ed. Reform. – São Paulo: Moderna, 2004; obra em quatro volumes para alunos de 5ª a 8ª séries. Vol.2, p.58.

Conforme Louro,

os livros didáticos e paradidáticos têm sido objeto de várias investigações que neles examinam as representações dos gêneros, dos grupos étnicos, das classes sociais. Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades "características" de homens e atividades de mulheres. (2003, p. 70)

Nas quatro figuras, há quatro personagens homens e duas mulheres. Numa delas há um casal em que o homem aparenta estar bem vestido, com roupa do "trabalho" enquanto a mulher está com roupa comum. O espaço é a cozinha, o que nós faz entender que ambos conversam e a mulher faz alguma atividade doméstica, ela está de costas e suas mãos omitidas e com o perfil voltado para o marido demonstrando um sorriso. Já o homem apenas está numa postura reflexiva, gesticulando com as mãos.

6- Conclusão

De acordo com as análises, pode-se concluir que ainda há uma dissonância entre as ocupações que a mulher tinha e as que ela adquiriu e vem conquistando. Além disso, ao falar da mulher referimo-nos também ao homem e o reflexo de concepções cristalizadas, socialmente, propaga-se em ambas as representações: o homem branco que trabalha e a mulher na cozinha ou em empregos secundários.

O fato de haver uma mulher representada como médica ou bombeira não significa que as desigualdades se extinguirão. Como já se foi mencionado, a escola não se restringe apenas ao espaço físico, mas às diversas influências que nela permeiam. O educador e seus funcionários devem estar munidos de estratégias que visem à formação de sujeitos reflexivos, contribuindo na busca de soluções para formar uma sociedade igualitária, sem distinção de sexo, gênero, raça, etnia, classe social ou variedade linguística.

Referências

ARRUDA, Angela. **Teoria das representações. Sociais e teorias de gênero.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. N. 117, p. 127-147, novembro/ 2002.

AUAD, Daniela. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero. **REVISTA USP**, São Paulo, n.56, p. 136-143, dezembro/fevereiro 2002-2003.

AUAD, Daniela. Formação de professoras, relações de gênero e sexualidade: um caminho para a construção da igualdade. *CAPPF* – Disponível em: <<http://cappf.org.br/tiki-index.php?page=G%C3%AAnero:+Daniela+Auad+2>> – Acesso em 03 de maio de 2012.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. (editores) **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. P.189-215.

BRAHIM, Adriana Cristina S. *de Mattos.* Pedagogia Crítica, Letramento Crítico E. Leitura Crítica. **Revista X**, vol.1. Curitiba: UFPR, 2007. p.11-31.

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical discourse analysis*, Marges Linguistiques 9 2005 76-94. Disponível em: <<http://www.ling.lancs.ac.uk/profiles/Norman-Fairclough/>> - Acesso em 04 de maio de 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista.** 6ª edição. Ed. Vozes. 2003.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas/** Menga Lüdke, Marli E.D.A. André – São Paulo: EPU, 1986. P. 25-44.

OLIVEIRA, Sara. Texto Visual, Estereótipos de Gênero e o Livro Didático de Língua Estrangeira. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, 47(1): 91-117, Jan./Jun. 2008

PENNYCOOK, Alastair. Critical and Alternative Directions in applied linguistics. **Australian Review of Applied Linguistics**, Volume 33, Number 2, 2010 Monash University Epress.

PNLD 2012: Ensino Médio. **Guia de livros didáticos: Apresentação**. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

RIBEIRO, Giselle R. O afro-brasileiro e sua representação no livro didático de língua materna. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, 49(1):101-113, Jan./Jun. 2010

ROCHA, Analuiza Machado. **Take your time** / Analuiza Machado Rocha, Zuleica Águeda Ferrari. – 3. Ed. Reform. – São Paulo: Moderna, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.7-102.

TILIO, Rogério Casanovas. Gênero e sexualidade em livros didáticos de inglês: ainda tabus? **Caderno de Letras da UFRJ**, Rio de Janeiro, n. 26, p.48-61. 2010 (no prelo). ISSN 1413-0238.

VAN DIJK, Teun A. *Principles of critical discourse analysis*. **Discourse & Society** © 1993 SAGE (London. Newbury Park and New Delhi), vol. 4(2): 249-283

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004.